

Recordando o envolvimento de Henrique Guimarães na génese da Quadrante

Remembering Henrique Guimarães' involvement in the genesis of Quadrante

José Manuel Matos 

Universidade Nova de Lisboa

Portugal

jmm@fct.unl.pt

Propôs-me a direção da Quadrante que encerrasse este segundo número de 2022 com uma pequena nota sobre o contributo do Henrique Guimarães para este periódico. Por coincidência, assinala-se este ano o trigésimo aniversário da revista, da qual ele foi um ativo mentor e participante e seu diretor entre 2004 e 2011. Este texto detalha os primeiros momentos da Quadrante, recordando as opções do pequeno grupo informal, do qual ele fazia parte, que imaginou e fez surgir a revista.

Podemos dizer que a Quadrante nasceu numa reunião entre o João Pedro da Ponte, o Henrique Guimarães e eu próprio, que decorreu em casa do primeiro, durante o ano de 1991. Para entender o que nos motivava, é necessário recuar no tempo. Desde o encerramento das Escolas Normais Superiores em 1930, a formação de professores para o ensino liceal e técnico esteve centrada em estabelecimentos de ensino secundário, dificultando na prática a formação de especialistas em educação nas universidades portuguesas. Desta situação se queixava amargamente Delfim Santos (1958), mas apenas em 1971 se reuniram as condições para a alteração desta situação com a criação de licenciaturas em ensino. O panorama não era melhor nas escolas do magistério primário, remetidas a um estatuto pouco diferente do das escolas secundárias. Assim, durante muitos anos, a investigação sobre problemas do ensino e da aprendizagem esteve severamente limitada no país.

O panorama vai-se alterar durante a primeira metade da década de 1980. Na academia aumenta o número de especialistas em educação, em particular o dos relacionados com o ensino e a aprendizagem da matemática; em 1985 abrem os primeiros cursos de mestrado em educação e, a partir dos finais da década, assiste-se a uma multiplicação de teses de

mestrado e de projetos de investigação, como vinha acontecendo noutros países desde há vinte anos, quando deixou de bastar o entusiasmo dos inovadores curriculares para justificar a validade de novas ideias, e se começou a requerer uma fundamentação teórica e empírica mais sustentada. Podemos considerar que é esta mudança que marca o início do campo que hoje se designa de Educação Matemática (Furinghetti et al., 2013). Num texto premonitório de 1987, João Pedro da Ponte tinha procurado distinguir duas comunidades: 1) a dos professores de matemática, com uma prática centrada nas escolas e 2) a dos seus formadores, com uma prática centrada na academia aos quais era requerida a produção de investigação sobre os problemas do ensino e da aprendizagem da matemática, sugerindo modos de relacionamento entre as duas. Se a primeira se encontrava estabelecida desde há muitos anos, a segunda estava em processo acelerado de formação. Era este o contexto em que, durante o encontro a três, de 1991, debatíamos como estimular aquele campo nascente.

Em outubro do ano anterior, nas Caldas da Rainha, tinha decorrido o primeiro Seminário de Investigação em Educação Matemática antecedendo o ProfMat. Os organizadores propunham-se reproduzir as chamadas *research pre-sessions* que precediam os encontros anuais do National Council of Teachers of Mathematics (NCTM) e no final, a maioria dos presentes manifestou-se pela repetição da iniciativa. A Associação de Professores de Matemática (APM) esteve envolvida na organização, embora com alguma ambivalência (Ponte, 1993). As dúvidas podem condensar-se nas seguintes questões: caberia a uma associação profissional docente um forte envolvimento com a pesquisa, sabendo-se ainda para mais que os investigadores constituíam uma minoria entre os sócios da APM? Não seria antes esse o papel das universidades? E como conseguiria essa associação ter uma intervenção autónoma, se no seu seio se encontravam sócios que dispunham de uma relação implicitamente hierárquica sobre outros?

Da referida reunião de 1991 saiu uma linha de ação propondo três direções de trabalho: a consolidação de um Grupo de Trabalho sobre Investigação na APM (GTI), a disponibilização para venda na APM de uma coleção de teses nacionais em Educação Matemática e o lançamento de uma revista dedicada à investigação sobre os problemas do ensino e da aprendizagem da matemática e que seria a primeira publicada em Portugal nessa área.

Numa resposta implícita às questões anteriores, estas propostas de ação optavam por dar protagonismo à APM no suporte à investigação. Esta nossa linha de ação de 1991 foi inspirada no exemplo do NCTM que, apesar de ser uma associação de professores de matemática, dinamizava atividades viradas para a pesquisa, nomeadamente, as já referidas *research pre-sessions* e publicando, desde 1970, o Journal for Research in Mathematics Education. Por um lado, pensávamos, que uma proximidade organizativa entre professores e académicos poderia fortalecer ambos os grupos. Por outro, no caso português, as duas comunidades não tinham fronteiras claras, pois, na época, todos os respetivos docentes da academia tinham sido, no início da sua carreira, professores de matemática em escolas

secundárias participando em movimentos de inovação curricular. Rejeitávamos, assim, uma visão do GTI como um mero divulgador dos trabalhos de pesquisa produzidos pela academia, bem como uma visão estreita do âmbito da APM, propondo antes que o grupo de trabalho fosse simultaneamente um aglutinador de investigadores e uma porta de comunicação entre as duas comunidades.

A revista, no entanto, levou algum tempo a ver a luz do dia. Embora o primeiro número da *Quadrante*, *Revista Teórica e de Investigação*, seu nome inicial, surgisse em 1992 publicando as comunicações apresentadas ao segundo Seminário de Investigação em Educação Matemática, realizado no Porto em 1991, o GTI necessitava de consolidar a sua estrutura, o que só veio a acontecer durante o terceiro Seminário de Investigação em Educação Matemática que decorreu em Viseu em 1993 com a clarificação das relações do grupo com a APM, a constituição de uma equipa coordenadora e a eleição do seu primeiro presidente, Henrique Guimarães (Ponte, 1993). Quanto à *Quadrante*, foi necessário estimular a produção de potenciais artigos e desenvolver o processo de revisão usual das revistas científicas. Assim, só a partir do seu segundo número, em 1993, a estrutura do jornal estava concluída: Estatutos, Diretor, eu próprio, Conselho Editorial, corpo de revisores e estabelecida uma sequência de procedimentos para a produção de cada número (Matos, 1993).

Pouco antes, no início de 1992, no seio da recém-criada Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), nasceu a Secção de Educação e Matemática (SEM) que ainda nesse ano, promove a realização de um seminário na Ericeira (Ponte, 1993). Passaram assim a existir duas organizações dedicadas à investigação sobre os problemas do ensino e da aprendizagem da matemática (o GTI e a SEM-SPCE), situação não muito comum noutros países. Perante esta nova circunstância, optámos por um estreitamento da colaboração entre as duas organizações. Tal veio formalmente a acontecer quando, em 16/12/1993, Odete Valente e João Pedro da Ponte, em representação da SPCE, e Adelina Precatado e Henrique Guimarães, em representação da APM, assinaram um protocolo visando o estreitamento de relações e, em particular, atribuindo à SEM a possibilidade de nomear seis membros (metade) do Conselho Editorial da Revista. Assim, o Conselho Editorial da *Quadrante* teria uma representação nacional abrangente, isto é, dele fariam parte docentes de um máximo de instituições nacionais com atividade na investigação em educação matemática, e simultaneamente constituir-se-ia como fórum para a cooperação entre o GTI e a SEM.

Resumi neste breve texto os primeiros anos da vida da *Quadrante*, durante os quais o Henrique foi um ator fundamental. Talvez a marca mais expressiva que recordo seja a sua aspiração de uma simbiose entre investigação e prática docente, tema bem atual, mas que há trinta anos constituía mero desejo de visionário, o de uma associação de professores que

conseguisse articular as duas comunidades, em prol da melhoria dos processos de ensino e aprendizagem da matemática. Gostaria de pensar que ele concordaria com esta apreciação.

Agradecimentos

Ao António Borralho, ao Carlos Lopes e à Lurdes Serrazina pelas informações que ajudaram a recompor este passado.

Referências

- Furinghetti, F., Matos, J. M., & Menghini, M. (2013). From mathematics and education, to mathematics education. In A. B. M. Clements, C. Keitel, J. Kilpatrick, & F. Leung (Ed.), *Third International Handbook of Mathematics Education* (pp. 273–302). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-4684-2_9
- Matos, J. M. (1993). Editorial. *Quadrante*, 2(1), 1. <https://doi.org/10.48489/quadrante.22636>
- Ponte, J. P. (1986). Investigação, dinamização pedagógica e formação de professores — três tarefas para a renovação da educação matemática. *ProfMat, Revista Teórica e de Investigação em Educação Matemática*, 2, 15–45. APM.
- Ponte, J. P. (1993). A Educação Matemática em Portugal: Os primeiros passos de uma comunidade de investigação. *Quadrante*, 2(2), 95–125. <https://doi.org/10.48489/quadrante.22639>
- Santos, D. (1958). Formação de professores. *Palestra, Revista de Pedagogia e Cultura*, 2, 112–126.
- SEM-SPCE (Coord.). (1993). *Relatório de Actividades de 1993 da Secção de Educação e Matemática da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. SPCE.